

## O ESCRITOR NORDESTINO E A TRANSGRESSÃO

### *THE NORTHEASTERN WRITER AND TRANSGRESSION*

Wellington Amâncio da Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este exercício da fala, em voz livre, situado entre o coloquial e a busca pelo conceito, por vezes atravessado por improvisos, como em um “ensaio aberto”, foi elaborado para o 3º Encontro de Literaturas Contemporâneas, na UFAL, Campus Sertão, em Delmiro Gouveia, Alagoas. O texto discorre sobre o papel do escritor sertanejo para além da ausência ou presença de uma tradição literária. Trata-se da escolha por caminhos próprios, que visam à reinvenção através da busca por uma humanização sertaneja, sem perder de vista o “mundo exterior” e a Modernidade, que aqui se instala a partir da década de 1980. Escrever em um contexto sertanejo implica condições e possibilidades de ser e estar atravessadas por múltiplos espelhamentos, para além de nossa geografia singular e do contexto local. Em geral, o escritor sertanejo se reconhece nessa Modernidade muito mais através dos espelhos, como em uma autofagia, porém, alimenta-se menos da carne e mais do espírito.

**Palavras-Chave:** Transgressão da escrita, Literatura sertaneja, Modernidade sertã.

250

#### ABSTRACT

*This exercise of speech, in a free voice that moves between the colloquial and the pursuit of concepts, at times interwoven with improvisations as in an “open rehearsal,” was prepared for the 3rd Meeting of Contemporary Literatures at UFAL, Campus Sertão, in Delmiro Gouveia, Alagoas. It reflects on the role of the sertanejo writer beyond the mere absence or presence of a literary tradition. It considers the choice of forging one’s own paths, seeking reinvention through the pursuit of a sertanejo humanization, without losing sight of the “outside world” and Modernity, which took root here in the 1980s. Writing in a sertanejo context implies conditions and possibilities of being shaped by multiple mirrors, extending beyond our singular geography and local context. In general, the sertanejo writer recognizes himself in this Modernity, most often through mirrors, in a kind of self-devouring — yet it is less the flesh that is consumed and more the spirit.*

**Keywords:** Transgression of writing; Sertanejo literature; Sertanejo modernity.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB (2013) e mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB (2016). É professor concursado da Rede Pública desde 2002. [wellington.silva@cedu.ufal.br](mailto:wellington.silva@cedu.ufal.br)

## ARBOROSIDADES

“[...] escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas” (Adorno, 1998, p. 26.)<sup>2</sup>.

“Da impossibilidade da poesia, desde tempos pós-pandêmicos, decidiu-se pela forma do verso, em que se pode dizer tudo.”. Lereuba, um pseudônimo quertonauta

Boa tarde. É uma hora estar aqui, com vocês, é uma alegria, nesta 3º Encontro de Literaturas Contemporâneas. Apesar de meio rouco, professor de escola pública, que geralmente inicia qualquer fala estando rouco. Gostaria de agradecer o convite do escritor Ricardo Santos<sup>3</sup> e do professor Marcos Faber<sup>4</sup>. Muito importante para todos nós, compartilharmos vivências na tentativa de reforçar o temos aprendido até aqui, nesta casa.

Há diversas questões a serem colocadas aqui, depois podemos ver a questão das Edições Parresia<sup>5</sup>. Em relação a minha escrita, eu não tenho gênero textual exclusivo, ou definitivo. Comecei exercitando a reflexão na poesia, como quase todo mundo, e neste percurso, eu encontrando algumas “portas semi-abertas”, me deparei com tendências exclusivas para determinados públicos e que não se alinhavam, em profundidade, ao meu seguimento de leitura e produção. Eu penso que, de conjunto, o que eu escrevo tem e mantém uma tendência mais aberta e talvez amorfa — se desejarem resumir — sem estilo próprio, ou atrelado a uma mínima tradição, porque é muito comum o meu conhecimento das correntes literárias. Talvez tenhamos a oportunidade de uma leitura breve deste livro em segunda edição<sup>6</sup>, espero. Isto seria muito bom, para termos uma ideia geral da diversidade de referências.

---

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor. *Crítica cultural e sociedade*. En: *Prismas*. Trad.: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

<sup>3</sup> Autor do livro “*A passos erráticos*”. Editora Folheando. Belém-PA, 2022.

<sup>4</sup> Professor de Literatura na UFAL, *Campus Sertão*. Autor de “*Por dentro de Rita Hayworth*”. Editora Reformatório, São Paulo: 2023.

<sup>5</sup> Mais de 30 livros publicados de diversos autores. Editora fundada pelo autor deste artigo, em 2018, no sertão das alagoas.

<sup>6</sup> “Os outros, sertão de argila escura. Edições Parresia. Delmiro Gouveia: 2023”.

A questão da escrita também conflui à questão da editora. Eu passei um tempo também tentando encontrar formas de publicar, porque em Delmiro Gouveia, município cosmopolita, ainda que houvesse intercâmbios — são poucos os nossos escritores — conhecemos histórias tristes em relação à maioria dos escritores delmirenses da década de oitenta — certamente o nascimento da nossa modernidade artística e alternativa ao cordelismo<sup>7</sup> — que abandonou a sua escrita, perdeu ou esqueceu-se dos seus cadernos de anotações e de seus manuscritos, livros extraviados<sup>8</sup>, desistência da escrita, etc. O ato de escrever em nosso município perpassa condições de apagamento e de esquecimento da literatura. Dito isso, fundei a editora com o apoio de Mayk Oliveira<sup>9</sup> e Leo Barth<sup>10</sup> (que foram discentes nesta casa). Pensando nestes autores pioneiros, publiquei ao menos uma obra essencial de cada um<sup>11</sup>. Nós temos um acervo de mais de 30 livros, que para mim, além de um marco histórico, também pioneiro, realização imensa, em face das limitações de publicação em nosso município, é um registro importante de um engajamento autoral e de ativismo literário significativos neste lugar agora muito urbanizado, habitar existencial e literário no cerne da caatinga.

Sobre as condições de escrita, por exemplo, podemos citar este livro em mãos, “*Os outros, sertão de argila escura*”, em que eu começo dizendo<sup>12</sup> que apesar de muitos caminhos e descaminhos, pensar o outro é sempre disponibilizar nosso próprio espaço existencial constituído e a nossa condição pessoal de escuta, este lugar-de-confortos, ao outro para dizer-se e fazer-se em sentido junto de nós. Eu ultimamente — após a barbárie brasileira dos anos

---

<sup>7</sup> A nova literatura em Delmiro Gouveia, fruto de uma juventude antenada e intelectual atrelada ao Festival da Canção (Antonio Simplício, Marcos Hoffman, Luciano Bispo, Suely Oliveira, Hermância Feitosa, Rubens de Sá, entre outros) fora marcadamente caracterizada pelo abandono da forma rimada do cordel. Abandono da temática paisagística, dos acontecimentos bucólicos, ronanescos. Abandono das apologias fáceis e exaltações de coronéis e gente de nome e riqueza do nosso município. Aproximação à Tropicália, à MPB e a tradição da Semana de 22.

<sup>8</sup> A prova primeiro livro a ser impresso em Maceió da grande poeta oitentista Suely Oliveira perdeu-se, talvez por mãos tenebrosas, no transcurso de Delmiro Gouveia a Maceió.

<sup>9</sup> Poeta e escritor delmirenses, autor do “Livro dos Delírios” e do “*Prétino Autéri*”, pelas Edições Parresia, co-fundador do GT Arborosa.

<sup>10</sup> Poeta e escritor delmirenses, autor do Livro “Garagem do Paraíso” pelas Edições Parresia, co-fundador do GT Arborosa.

<sup>11</sup> Há também diversas publicações avulsas em revistas especializadas, autorias ou em coautoria.

<sup>12</sup> O sertanejo delmirenses, biotipo nativo das serras de Água Branca e dos povoados circunvizinhos, tem esse tom de pele argiloso que, entre outras condições existenciais, o reorienta ao universo infinito da Mestiçagem Ontológica e à interação humano-ecológica de tipologia distinta. Como auge desta relação temos o homem caatingueiro.

anteriores<sup>13</sup> — escrevo pensando muito numa frase de Aristóteles, presente em “*A política*”: “*O ser humano é um animal dotado de linguagem.*”. Eu entendo sempre esta frase especialmente como tendo nós conquistado a linguagem na condição de método e metodologia, de ferramenta para nos afastarmos da dimensão bruta do animal que somos, ressignificá-lo não apenas pela experiência sensível, num afastamento temerário e cômico, mas pela reapropriação de si por vias racionais e afetivas, pela ressignificação de si através da linguagem, especialmente da linguagem ficcional. Então, eu peso que a literatura seja uma forma de adiar o animal agressivo e monossilábico em nós e também uma tentativa de anular, dia após dia, a barbárie inerente ao animal (*zoon*) que habita em cada um de nós, constituído de condições biológicas, fisiológicas e ainda de auto-proteção não refletiva. Por exemplo, o animal monossilábico adia ou não tem as nuances da linguagem. Por isso desconhece as possibilidades e condições do Diálogo, do jogo dialético. Esta é uma das questões existenciais que apresento aqui como importante para mim. A segunda questão, especificamente de escrita, tem relação com Jorge Luis Borges (2008), segundo nos falou Ricardo Piglia (2004), que disse que se nós não temos uma tradição, podemos escrever de muitas formas: se pode escrever citando autores que não existem, citando obras que não existem, inventar conceitos sérios sobre coisas reconhecidamente inúteis, podemos contar boas mentiras, podemos inserir devaneios ou mesmo perspectivas aluadas dentro de fatos da história nacional; a literatura é de certa forma um afastamento sempre constante das péssimas mentiras, e sendo a mentira em geral uma questão, por assim dizer, de ficção, buscamos as mentiras das boas, ou procuramos por realidades que somente fazem sentidos e têm concretude a partir de espectros alternativos (toda mentira, se justo consigo mesmo o mentiroso só fará sentido para si mesmo). Segundo Borges, ao meu entender mais atrevido, podemos usar a mentira pura na ficção, podemos usar qualquer outro recurso do nosso âmagão não-traditionalizado: a ironia, o escárnio, os subterfúgios, os circunlóquios, a saturação e mesmo a confusão, assim como a oscilação de coerência e coesão, a fofoca mais ácida sobre a vida dos personagens. Em suma, para o nosso “bem criativo comum”, pode-se radicalizar até ao absurdo, na escrita. Esta questão borgiana eu levo muito a *sério*, porque percebemos uma

---

<sup>13</sup> 2019 a 2022. Pandemia, caos, *fake news*, ódio e obscurantismo religioso.

tendência da poesia, por exemplo, sempre como algo demasiadamente *sério*, com aura elevadíssima, com sofisticação (o que é o sofisticado?), ritual e dogma, a poesia quase como uma religião. Em último caso (embora jamais definitivo) se diz que, “Eu repinto o meu entorno a partir da entreluz confusa, porém constante e confiante que se gesta dentro do meu imo.” (Amâncio, 2023). Sobre o que apontou Borges, citado por Piglia, nós denominaremos, para o nosso caso, de Literatura de não-tradição, não passiva porque não se importa em fazer parte da tradição; ativa porque diz “não” à tradição, objetivando o “flaneurismo<sup>14</sup>” *autopoietico* em literatura de ficção.

Antes, preciso delimitar a minha própria condição de autor: *Eu não escrevo poesia. Eu escrevo versos*. A poesia é algo inalcançável para mim, porque benquista em certas convenções, por isonomia é reconhecida como a perfeita realização de síntese, da natureza exterior à subjetividade linguística de um autor, como produto textual ou intertextual. Escrevo verso na condição existencial, ontológica de caboclo, ainda que eu não consiga me definir ontologicamente — caatingueiro, professor, o que sou? Então, esta escrita por vezes é o meu método de busca de si, ancorado num meio, o sertão, o bioma caatinga, o Nordeste, o Brasil, ainda que eu não narre o suficiente a nossa paisagem e as nossas cores locais. É uma escrita que tanto se busca, quanto se reinventa, e afinal, a veracidade do ser, seu objeto de interesse, é um ideal provisório.

Para este livro, eu estava pensando acerca da questão do “*outro*”, que é uma questão muito discutida hoje nas universidades (Nietzsche, Foucault, Alain Renault, Lévinas, Ricoeur), a partir dos conceitos de existencialismo, alteridade, outridade, etc. Pensamos bastante no *eu* e a partir desta interioridade (eu), tentamos entender o *outro* como conceito, porque é difícilimo, ainda, se transferir à sua figura, condição e sentidos, ou seja, é sempre a partir do bem para mim que posso entender o bem para o outro, e vice-versa, e o conceito de *bem* é já outro depois de Maio de 1968. Então o título deste livro: “*Os outros, sertão de argila escura*”. A condição de fazer parte daquelas pessoas que não são brancas, que nem negras de fato, como *eu não sou*, porque há uma terceira via existencial, a da mestiçagem, a dimensão cabocla, de imprecisão e

---

<sup>14</sup> Segundo o conceito de BENJAMIM, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

atopia, de opacidade étnica, que necessita ser posta, revista e discutida. São marrons argilosos e mestiços, misturados de fato. *Caboclo não tem pátria!*<sup>15</sup> Falamos desta ausência de *tópos*, desta *ausência de lugaridades*, de habitar no *entremeio*. Disto, pensei em realizar uma espécie de levantamento deste Sertão, que é antigo e arcaico, moderno e pós-moderno, híbrido e polissêmico, que é tanta coisa ainda para se descobrir e lançar luz. Um sertão que “recebe de fora”, de Sul e Sudeste, que também emite suas mensagens, e todas elas transitam de canto a outros e que se ressignificam neste transcurso, e há uma possibilidade infinita de falar sobre os *outros*, especificamente deste *Sertão de argila escura*, e há uma possibilidade infinita também de dizer também este outro lugar, ou lugar-outro de onde habitamos. É isto a ideia deste livro, que é mais um intercurso mais ficcional do que histórico, uma questão mais para o devaneio, de especulação, uma tomada do onírico, lúdica, como no presente momento o “espírito do Sertão” se deixar entrever; eu gosto muito do lúdico na escrita; se não há uma epistemologia do Sertão, então o sonho é o seu cerne. Se você gosta de escrever ludicamente, você sabe o que eu estou dizendo — e talvez, no fundo, nem possa haver mais escrita não-lúdica. E eu penso que a escrita “brincada” é a escrita das mais sérias: é onde nos arriscamos e experimentamos, onde mais investimos do nosso eu, é onde mais desenhamos e detalhamos o nosso já minucioso “mapa interior”, é enfim onde mais nos revelamos. A escrita é o mapa. Assim, um livro cujo percurso se permite ao lúdico, ao menos no início, como *sketches*, é um mapa muito pessoal do autor, um exercício de escrita ainda não censurado, e é quando nos assumimos sem assumir demais as máscaras inerentes ao escritor. Admitimos escrever inicialmente a partir de um mundo, de eu interior, a partir de uma dimensão que somente o autor reconhecer, sua espécie de filtro de mundo, seu repertório particular; essa possibilidade de mexer, brincar e realizar diversas “aventuras” com as palavras. Em literatura *a ação do lúdico* é um ato sem destinatário, um ato em que é posto o improvisado dentro de certas regras. Assim fizeram Joyce (1996), Rosa (1965) Leminski (2004), Baudelaire (1958), Ponge (2002) e outros.

---

<sup>15</sup> Afirmação de um pai de santo, sobre os caboclos do mato, ou espíritos indígenas, que bem-vindos são incorporados no terreiro, mas não fazem parte do panteão afro-brasileiro, ou de quaisquer religiões. Se não tem pátria, não tem bandeira, hino, lugar, direitos ou deveres. São como os personagens da literatura sem tradição citada acima, ao parafrasearmos uma fala de Borges (2008).

Eu escrevo desde a adolescência, com exercício para algo vindouro que pressentia, mas não sabia, de fato eu já tinha a pretensão de ter em mãos meus livros, porque eu vivia rodeado de livros de outros autores. Inicialmente escrevi alguns livros e estes livros foram publicados apenas em 30 cópias, apenas para experimentá-los entre amigos e sem muitos riscos; eu e os outros autores da Arborosa, como disse, sem investir a ponto de nos arrependermos demais, ou nos permitirmos demais a quebrar a cara mais amplamente, publicamos alguns livros entre nós, mas escaparam até aos grupos de estudo desta universidade. Tais livros como *referências* para si, de um tempo passado, de um recorte histórico e pessoal, e modo de organizar o mundo (ao tempo em que nos reconhecíamos estando em busca dentro do mundo). Eu penso que este momento novo que estamos vivendo, nós o denominamos de *Arborosidades*: Toda árvore é um generoso guarda-sol estático e é debaixo dela que costumamos escrever, seja numa árvore digital, numa árvore de fato, numa árvore ficcional, numa paisagem de miração; dentro de nós o texto escrito alça-se na forma de árvore: as raízes se perdem nas funduras e o dossel se tesse entre nuvens de ideias e pensamento. Escrevemos a partir deste contexto e algo importante para nós está acontecendo.

No presente livro, eu quis experimentar o sabor e a cor dos “*outros*” a partir de uma epistemologia metafórica sertaneja e caatingueira, experimental e às vezes alegórica. Quem por ventura desejar e ensejar, movido por curiosidade ou mais, que se aproxime; seria de bom-tom, para resumirmos, focarmos neste livro em mãos, recém publicado, oportunizar uma leitura de uma ou duas páginas sem se estender para não fazer *spoiler* demais (AMANCIO, 2003, p.21):

A invasão das formas angulares  
Uma geometria de superfície lisa  
A precisa linha do plástico duro  
Em zeros de um ponto a outro  
Ruborizam os galhos desgrenhados —  
Transformar as coisas /puras/  
em lixo no devir

Depois a verdade universal *dita* em três emojis sorridentes

O circuito aberto agora/  
Resistem as cigarras num dorso duro  
Todos os mortais as escutam numa

nota alongada —  
O reverberar contra a repetição  
das máquinas de fabricar objetos saturados

Depois, um homem é finalmente  
liberto ao conhecer a verdade  
na tribo Pirahã/o desfazer das  
velhas dívidas sem solturas/as cordas/  
O milagre do nó desfeito  
em Daniel Everett

— “A língua deles não tem passado nem futuro”  
e faz calar as coisas

Serei direto, da primeira pessoa à segunda pessoa desta conversa. A gente sente vontade de escrever quando adentra aos alfarrábios, quando compra e ler livros, quando se encanta com os livros e se espanta com as leituras. Quando acorda de madrugada para escrever, quando toma notas de sonhos num caderninho debaixo do travesseiro. Quem já acordou de madrugada para escrever? É isso, escrever enquanto as pessoas estão ocupadas ou desligadas. Não se importar com o sono devido à suposta potência da frase e do texto que se revelam no meio de um sonho. Tal ato parece meio profético, e eu não sei de fato se é mesmo profético, ao menos como “relevarão” dentro do seu próprio mundo. Mais parece que se quer, entrando numa dimensão profética, é um sinal: se você está incomodado para escrever, sair do comum dos dias, visto que o que se escreve é-lhe importante, então, eis a sua profecia de cada dia. Certa vez, indo à universidade, eu estacionei meu velho carro num canto de asfalto para escrever, porque pensava estar experimentando um *insight* — o que de início é sempre importante apenas para mim, porque eu precisava mesmo anotar *ipsis litteris* aquela frase — e um bêbado entrou em meu carro. De fato, ele me pediu para entrar e eu não pude dar-lhe atenção, mais por receio de perder a frase, durante aquele *insight*, e o bêbado considerando o meu silêncio com um sim, assentou-se do meu lado e eu o trouxe, em silêncio, pensando na frase anotada, até a universidade. O mais interessante em escrever, enquanto se está vivendo, reforça que não se separa a escrita da vida e ambas são interessantes, por vezes inusitadas — e imagine essa do bêbado, daria um conto. O viver e o escrever se aproximam, não diferem, especialmente quando a escrita é uma

“vivência de registro”, é o ato de prolongar o “agora” do viver em diferentes modulações de sentidos fixados. Há um desejo forte de transformar o que se vive em memória escrita, mas há uma diferença enorme entre a matéria do pensamento do que se vive e a matéria da escrita que pretenda registrar a memória do vivido (AMANCIO, 2023, p.38):

O gesto ríspido das mãos  
A pedra sobre o muro de argila

Riscar teu nome a todo custo,  
a lâmina da retina,  
e arrepender-se depois

Acorrer às orações da madrugada  
com seus grilos devotados  
e suas rãs anelantes (*um deus num capão de mato*)  
Encontrar alívio nesta linguagem  
que diz enviesada seus mistérios  
de nunca se dizer num quase [...]

Outra questão de “sinal profético” para mim, que denomino autoprofecia: é o espelho, a minha escrita é uma demanda especular (no espelho, algumas rachaduras, algumas partes opacas, umas desfocadas e outras manchadas). Eu percebi cedo que o pensamento se corrompe um tanto quando você o transforma em letras, em escrita. A matéria do pensamento não se submete de todo à matéria da escrita. É interessantíssimo quando você tenta transcrever pensamento para escrita, porque, neste percurso, abrem-se diversas outras portas. Derrida costumava dizer que *a palavra possui margens* para além dos seus sentidos convencionais. Neste percurso de escrita o pensamento se corrompe um tanto, outros pensamentos e acontecimentos adentram-se à frase e ao processo de escrita, e advém aquele senso de prazer imenso, de fazer parte mesmo de si, de *escrever e descobrir* enquanto se escreve, o prazer de compor com palavras uma frase que ao final para você, talvez somente para você mesmo, é importante. Estes são os sinais proféticos para si (e se a realidade parte dos princípios do real exterior, a sua verdade parte do princípio da sua visão sobre a exterioridade das coisas, então o gesto empírico de *ver* fundamenta a sua verdade).

Este senso de mapear o mundo exterior em seu próprio mundo é um ato autoprofético. Eu me exercitei nisto desde cedo, assim como a maioria das pessoas, tendo eu já uma questão (que é a lida de quem escreve), a tendência ao “arquivamento do pensamento” — e há de se encontrar aí, nesta tendência, quando vista no todo, o comportamento das *coisas* — que depois se *objetivam* ao ganharem um termo, um nome, um conceito — e em seguida nos dotamos de uma compreensão lógica sobre o caráter do seu ser e sua maneira de ser, esta é a relação de objetivação do ser com as coisas. Então, quando os elementos do nosso entorno afetivo não são tão susceptíveis a uma compreensão científica ou lógica, racional, estes podem ser tangenciados pela escrita, experimentados como *presença*, a partir de uma epistemologia metafórica, que é o jeito particular de intuir, perceber, sentir, experimentar pelos sentidos, compreender, conceituar e dizer. Kant nos apresentou a ideia de Coisa-sem-si (*ding an sich*), a dimensão da Incógnita, a dimensão do numinoso, do divino, do deífico, outrora fechada como objeto do conhecimento. Ou seja, aquela dimensão a qual apenas supomos, jamais alcançamos por vias empíricas ou racionais. O ato autoprofético é uma alternativa e uma tentativa de imersão pelas vias através das quais se pode adentrar ao Mistério, ou seja, por meio da poesia, da ficção, da invenção, sem voltar com as mãos vazias. Este ato de entrever a Incógnita é todo um trânsito oblíquo de visão da Coisa-se-si, é toda uma possibilidade de representação da Coisa-se-si. Logo, eu acredito que para além da Física Quântica, somente a Literatura de ficção tem essa chave de entrada livre, porque a imaginação, a invenção e a criatividade sempre foram ferramentas epistemológicas de aproximação ao Mistério.

Como disse, eu queria arquivar meus pensamentos, o que escrevi em livros, meus livros, meus mapas. Há sempre uma fixação por livros. Então, o livro é substancial, é nutritivo para o espírito, e alguma coisa acontece dentro da gente e se escreve com uma vontade de enveredar seu próprio oriente, e todos os livros são pequenos mapas da caminhada, porque é preciso; o mundo é repleto do improvável e do novo se escreve. Heidegger conceituou o *Dasein* — todos nós lançados no mundo, e eu queria saber para onde me lançaram. Na verdade, meus amigos, eu passei a julgar que descobri parte do mundo em que estou e a quais lugares vou a partir da literatura, muito mais do que através da filosofia ou do trabalho como professor, porque, antes de tudo, a minha casa sou eu mesmo — e a parte onde melhor habito é o meu encéfalo, que é o

meu altar<sup>16</sup>, então, na perspectiva heideggeriana do *Dasein*, eu mesmo fui lançado para dentro da minha casa, por meio dessa “ecologia da escrita”; para mim, a literatura parece ser não apenas o acabamento das paredes e do piso da casa interna, mas o alicerce, os cimentos e os tijolos. São esses acontecimentos de “intimodal” consigo mesmo, por vezes absurdos, episódios de estranhamentos necessários, que nos fazem andar a procura da nossa humanidade, da nossa autodefinição de humanidade, no diverso da cor e na diversidade do ser, para transgredir a falsa normalidade deste mundo, que é antes de tudo um problema de língua portuguesa, porque não pensamos mais o mundo em tupi-guarani, e o universo da língua portuguesa não está entre nós em sua totalidade, nem a este pertencemos de todo, especialmente se comparando a relação da língua lusa com o nosso lugar, este lugar originário de pertença, de linguagem própria, que não nos permite mais conhecê-lo de todo, lugar de imanências em busca de sentidos, o que não pode ser plenamente realizado a partir da língua do colonizador.

Se a vossa língua fosse ainda  
o tupi-guarani  
haveria árvores enormes  
dentro das vossas casas

E a cor de argila nos telhados  
seria a cor de uma vontade  
impetuosa  
que se manifestaria bem antes  
do sentido que as palavras dão

Desembandeirar-se  
das hastes fállicas, mastros  
de toda a mentira  
da cor que se impõe sobre as cores  
num serpentário de verbos

Disseram — *todos eles são os outros*

Infelizes caetés  
(seus incisivos e caninos)  
comeram deus vivo/

---

<sup>16</sup> Ver o livro do autor, “*Morder o próprio rabo*”. São Paulo. Forja, 2023, p.52.

perderam a fala<sup>17</sup>

Por fim, eu diria o seguinte, me perdoe se eu estiver errado, ou exagerando; me parece que no mundo existem — por escolha própria e geralmente bem arbitrada, não apenas a condição de espécie *Homo sapiens*, mas a escolha de direcionamento existencial para a espécie humana e por si — dois tipos existenciais de auto-arbitragens que se somam como parte histórica da nossa espécie, expandindo a um novo termo e a dois subgrupos, para o bem ou para o mal, divisando a nomenclatura *sapiens* da nossa espécie. Escolhe-se, através de uma dicotomia vergonhosa, ser *Homo sapiens sapiens bestialis*, feroz e belicoso, todos aqueles que usam os sentidos e a razão para o mal do outro; ou resistir, face à própria morte, à escolha de manter-se como *Homo sapiens sapiens humanitas*. Os primeiros desejam a guerra em suas mais variáveis formas de aniquilações e tem o orgulho sobremaneira como fundamento do seu *modus operandi*; já nós queremos tudo o que é oposto à guerra e à violência, portanto, nós estamos aqui para resistir ao mal, por isso escrevemos. Ser dotado de *logos* é, na verdade, insistir nesta descaracterização fatal do nosso imo animal, adiando-o sempre e para sempre, em face da própria morte, para fazer valer em nós e entre nós o espírito da palavra, especialmente no sentido de *lógos* como *diálogo*, fazer valer a nossa própria humanidade, que não é uma abstração, reinventando esse imo animal em potência criadora a serviço da humanidade, ao condicioná-lo às nossas próprias condições de existir em paz com os outros. Não é e nunca será clichê afirmar que escolher o bem é estar tão-somente escolhendo a si como ser que se reconhece, reiterando a sua própria essência e servindo à reinvenção do sentido que o outro dá a si, o que lhe é natural, mas aquele que escolhe o mal se equivoca e não se encontra no caminho, porque o mal não é uma essência ou uma substância, mas um tipo de sequeira ou escuridade, o mal é uma sombra passageira que somente resiste pelas mãos de quem nisto crê, e o mal sempre refeito, como um corpo em miasma sempre se torna o pior daquilo que antes fora, sendo no mundo cada vez mais letal e bestial. Mas paz e o bem são fenômenos especulares no meio de nós, é a matéria que nos compõe. Nós resistimos. O *Homo sapiens sapiens humanitas* habitará

---

<sup>17</sup> “Os outros, sertão de argila escura”. Edições Parresia, Delmiro Gouveia: 2023”, p. 149.

sempre o Terra e em arborosidades, aprendendo a se fixar como uma árvore sobre a face mais benéfica da Biosfera.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Crítica cultural e sociedade**. In: *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.
- AMANCIO, Wellington. **Sete contos, Caim**. São Paulo: Ed. Minimalismos, 2024.
- \_\_\_\_\_. **Os outros, sertão de argila escura**. Delmiro Gouveia: Edições Parresia, 2023.
- \_\_\_\_\_. **Morder o próprio rabo**. São Paulo: Editora Forja, 2023.
- \_\_\_\_\_. **O reneval**. Delmiro Gouveia: Edições Parresia, 2019.
- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. São Paulo. Difusão Europeia do Livro, 1958.
- BENJAMIM, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. “O Escritor Argentino e a tradição”. In: **Discussão**. São Paulo. Cia das Letras, 2008.
- JOYCE, James. **Ulisses**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.
- LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. Curitiba. Travessa dos Editores, 2004.
- MALLARMÉ, Stéphane. **Um lance de dados**. São Paulo. Ateliê, 2017
- PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. Cia das Letras, São Paulo: 2004. Pp. 64 e 65.
- PONGE, Francis. **A Mesa**. São Paulo. Iluminuras, 2002.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro José Olympio, 1965.